

Dora Kramer\*

Bolsonaro usa Lula como exemplo

Quando Jair Bolsonaro (PL) pede à Justiça autorização para receber políticos de destaque em sua morada prisional está na clara intenção de se manter influente no processo eleitoral.

Nisso imita o oponente Luiz Inácio da Silva (PT), que em 2018 foi o artífice da candidatura do correligionário Fernando Haddad de dentro da prisão, assim como agora o ex-presidente impõe apoios à empreitada do filho Flávio. Há, contudo, diferenças nesse jogo da imitação. Lula manteve acesa até setembro daquele ano a falsa chama de que poderia se candidatar. Quanto a Bolsonaro, as circunstâncias o obrigaram a não insistir na mística da candidatura impossível.

Além disso, Haddad não se compara a Flávio. Um foi prefeito de São Paulo, postulante ao governo do estado, concorrente à Presidência da República e ministro da Fazenda.

O outro, senador, foi acusado da prática de desvio dos salários dos funcionários no gabinete de deputado estadual no Rio de Janeiro. Quanto à experiência administrativa, ao que se sabe resume-se à sociedade numa loja de chocolates.

Vivemos tempos em que esse tipo de cotejo não conta. O controle de qualidade dos aspirantes ao comando do país tem sido o de menos. A julgar pelos movimentos dos polos dominantes na política, assim será nesta eleição.

Os dois pretendem levantar a bandeira de combate ao que chamam de “sistema”. Nenhum deles diz exatamente o que isso significa, embora se depreenda que, a grosso modo, a esquerda queira se contrapor à elite econômica, e a direita à elite cultural.

Nada disso responde a demandas objetivas da sociedade por economia estável, estímulo à produtividade, condições razoáveis de segurança no ir e vir do cotidiano, serviços públicos de qualidade, incremento da confiabilidade nas instituições e reformas em áreas ainda presas a conceitos do passado.

O embate entre “fascistas” e “comunistas” atende a fantasias ideológicas, mas mantém o debate político longe das questões substantivas indispensáveis ao desenvolvimento do país.

\*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira\*

O mago da política brasileira

A política é algo mágico. É preciso magia para se construir e saber sustentar um projeto político, unir opositos e ganhar espaço com o eleitor. Tivemos sim grandes articuladores como os mineiros Juscelino, Tancredo e Hélio Garcia — para ficar em alguns nomes — o paulista Ulisses Guimarães entre outros. Até mesmo um general, Golbery do Couto e Silva pode ser encaixado entre os grandes articuladores políticos brasileiros. Foi ele que arquitetou todo o projeto de reabertura política como ministro do governo Geisel. Foi tão ativo como articulador que é apontado por antigos analistas políticos como um dos fundadores do PT, ajudando Lula a criar a legenda para ter um partido para dividir a esquerda e assim neutralizar Brizola, à época a grande preocupação dos militares.

Os anos passaram e o Brasil foi redemocratizado mas assiste a um grande esvaziamento de lideranças políticas, problema que vem sendo agravado nos últimos anos com a radicalização. Dividido, radicalizado e sem conseguir formar verdadeiras lideranças. Neste contexto de ausência de políticos com capacidade de liderança, surge o nome de Gilberto Kassab, um político experimentado que vem se mostrando um “mago” da política, com uma atuação que faz lembrar as velhas raposas mineiras e sua capacidade insuperável de articulações.

Nos tempos atuais Gilberto Kassab, vem assumindo a postura como um pêndulo do movimento do que vem acontecendo no movimento político ao liderar um grupo que não é de direita nem de esquerda. Hoje o PSD presidida por ele tem bancada da Câmara Federal, com perspectiva de crescer mais ainda em 2026.

Na sucessão presidencial ele afirma sua preferência pelo governador do Paraná, Ratinho Jr., mas acaba de filiar o goiano Ronaldo Caiado. Sem esquecer que Kassab tem bom trânsito com o presidente Lula e seu apoio ao petista. Em Minas trouxe o vice-governador Mateus Simões que será o candidato a governador.

Discreto, Gilberto Kassab quer mesmo é ser governador de São Paulo e, discretamente segundo seus amigos, trabalha para ser vice de Tarcísio, na certeza de que reeleito, o governador deixará o cargo dois anos depois para disputar a presidência. E ele assume o governo paulistas.

se mostrando um “mago” da política, com uma atuação que faz lembrar as velhas raposas mineiras e sua capacidade insuperável de articulações.

\*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Entre o sagrado e o desrespeito

O dia 2 de fevereiro amanheceu, como todos os anos, com o som do mar misturado a flores, velas, perfumes, bilhetes e pedidos. Para milhões de brasileiros, foi o dia de Iemanjá, a Rainha do Mar, mãe nas religiões de matriz africana, símbolo de proteção, acolhimento, fertilidade e cuidado. Não é apenas uma data no calendário. É um marco espiritual, cultural e histórico que atravessa séculos de resistência, fé e identidade.

A cena se repete nas praias: pessoas vestidas de branco, oferendas depositadas com respeito, orações silenciosas e também o gesto popular de pular ondas. Poucos se lembram, mas esse costume tão difundido no Réveillon nasceu justamente dos rituais ligados a Iemanjá. Saltar as ondas, fazer pedidos, entrar no mar com reverência não é apenas uma superstição turística. É herança direta das religiões afro-brasileiras, apropriada ao longo do tempo por uma sociedade que, muitas vezes, consome o símbolo, mas rejeita sua origem.

E é aí que mora uma das maiores contradições. Enquanto milhares pulam ondas, vestem branco e pedem proteção à beira-mar, as mesmas tradições que deram origem a esses rituais seguem sendo alvo de preconceito, intolerância e violência simbólica. Terreiros são atacados, líderes religiosos são desrespeitados e expressões de fé ainda são tratadas como algo menor, folclórico ou, pior, demonizado.

O desrespeito também aparece na linguagem, quase sempre naturalizado. Frases como “vou te dar pra Iemanjá”, “volta pro mar, oferenda” ou o uso do nome da orixá como ameaça, piada ou ofensa revelam muito mais do que falta de informação. Revelam como o sagrado do outro é banalizado, esvaziado de sentido e transformado em deboche. É o nome de uma divindade sendo usado em vão, como se não carregasse fé, história, dor e resistência.

Celebrar Iemanjá exige mais do que flores no mar. Exige reconhecer que as religiões afro-brasileiras foram e ainda são perseguidas. Exige entender que o Brasil que pula ondas é o mesmo que, muitas vezes, vira o rosto para o racismo religioso. Não há coerência em pedir proteção à Rainha do Mar enquanto se nega respeito aos seus filhos e filhas de fé.

O mar recebe tudo. Recebe pedidos, lágrimas, agradecimentos e também as contradições de um país que ama seus símbolos, mas ainda luta para respeitar suas raízes. Que este 2 de fevereiro tenha sido mais do que um ritual repetido. Que tenha sido um convite à reflexão. Porque respeitar Iemanjá é respeitar a diversidade, a ancestralidade e o direito de cada brasileiro viver sua fé sem medo, sem ataque e sem ironia.

Odoýá não é apenas uma palavra bonita. É um chamado ao respeito.


Opinião do leitor

Talento duplo

A música brasileira ecoando forte no mundo. Orgulho, arte e emoção que atravessam gerações. Mais um prêmio de reconhecimento à nossa cultura. É a arte sendo reconhecida como a nossa voz de resistência mais poderosa! Parabéns aos irmãos incríveis Caetano e Bethânia. Música da MPB de qualidade! Viva o talento e a genialidade.

José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JUSTIÇA ARGENTINA APROVA PENA DE MORTE DE ANARQUISTAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 3 de fevereiro de 1931 foram: Justiça argentina confirma a execução dos anarquistas Di Giovanni e Paulino Scarfo. Três milhões de colombianos vão às urnas

HÁ 75 ANOS: MINISTROS DE VARGAS COMEÇAM A SER EMPOSSADOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 3 de fevereiro de 1951 foram: Assembleia-Geral da ONU aprova moção contra a China Comunista, pela participação na Guerra da Coreia. Brigadeiro Nero Moura empossado como ministro da Aeronáutica. João Neves da Fontoura é o novo Chanceler. Horário Lafer assume Ministério da Fazenda e João Cleofas o da Agricultura.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Níomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)  
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132  
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.